

# PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA E ECONOMIA SOLIDÁRIA: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES

Diego da Silva

Pós-Graduação em Psicologia da Saúde e Hospitalar – Faculdades Pequeno Príncipe

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo realizar possíveis aproximações teóricas entre a Psicologia Social Comunitária e a Economia Solidária. Para tanto foi realizada pesquisa bibliográfica em bases de dados científicos como Pepsic e Scielo e em sites oficiais do Governo Federal. A Psicologia Social Comunitária vem estudar os processos e as propriedades do psiquismo decorrentes da vida em comunidade. Sua aplicação visa o desenvolvimento da consciência dos moradores como sujeitos históricos, seu objeto de estudo é o reflexo psíquico da vida comunitária, a imagem ativa das relações da comunidade no psiquismo e o aprofundamento da consciência. As desigualdades constituem um dos problemas mais relevantes do Brasil e das sociedades latino-americanas que buscam avançar na consolidação de regimes democráticos, a partir de estruturas sociais profundamente injustas. Nesse contexto, desigualdades e pobreza em geral são fenômenos associados, de modo que a redução efetiva dos níveis de pobreza requer políticas e programas de combate às desigualdades. Enfrentar esse binômio representa um dos principais desafios da atualidade e a economia solidária pode colaborar nesse sentido. Economia Solidária é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem. A psicologia tem, no que se refere ao trabalho, grandes possibilidades de atuação, sendo de significativa importância na medida em que possibilita resgatar, escutar as experiências dos trabalhadores, seus sofrimentos, seu dia-a-dia dentro deste contexto excludente do mundo globalizado. Assessorando-os na construção de uma consciência crítica, propondo novas formas de experienciar o trabalho, reconstruindo vínculos e reivindicando direitos. A Psicologia Social Comunitária é uma forte aliada da economia solidária, e se bem trabalhada pode ser um instrumento de transformação social interessante e que faça a diferença naquele determinado contexto, pois prioriza o coletivo e não somente o individual. A Economia Solidária buscará esta forma coletiva de trabalhar, ou seja, cada um contribuindo com o que sabe, com os recursos que possui para que a situação financeira, social e emocional dos grupos participantes se fortaleça e melhore.

**Palavras- chave:** Psicologia Social Comunitária; Economia Solidária; Grupos.

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem por objetivo realizar possíveis aproximações teóricas entre a Psicologia Social Comunitária e a Economia Solidária. Para tanto foi realizada pesquisa bibliográfica em bases de dados científicos como Pepsic e Scielo e em sites oficiais do Governo Federal. Para Scarparo e Guareschi (2007) a Psicologia Comunitária dedica-se a estudar, compreender e intervir no cenário de questões psicossociais que caracterizam uma comunidade.

"Compete, portanto, aos psicólogos/as comunitários/as trabalharem na construção de uma consciência crítica, de uma identidade coletiva e individual mais autônoma e de uma nova realidade social mais justa" (Neves & Bernardes, 2001, p.242 citados por Coutinho, Beiras, Picinin e Luckmann, 2005). A Economia Solidária, de certa forma partilha destes objetivos, uma vez que busca a igualdade na divisão do trabalho e conseqüentemente dos ganhos vindos deste. Pode servir para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos da comunidade e transformar o ambiente. Sendo assim, o presente trabalho buscará compreender tais conceitos.

### **PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA E ECONOMIA SOLIDÁRIA**

Góis (1988) citado por Silva e Corgozinho (2011) afirma que a Psicologia Social Comunitária vem estudar os processos e as propriedades do psiquismo decorrentes da vida em comunidade. Sua aplicação visa o desenvolvimento da consciência dos moradores como sujeitos históricos, seu objeto de estudo é o reflexo psíquico da vida comunitária, a imagem ativa das relações da comunidade no psiquismo e o aprofundamento da consciência.

Para Lane (2003) citada por Coutinho, Beiras, Picinin e Luckmann (2005) a psicologia comunitária no Brasil surge no período posterior ao golpe militar de 1964 como um questionamento dos profissionais de psicologia a respeito da sua atuação junto à maioria da população. Os grupos são o espaço privilegiado para uma análise teórico-prática do desenvolvimento dos indivíduos e que o psicólogo inserido em

comunidades trabalhará, fundamentalmente, com as relações grupais, vínculo essencial entre indivíduos e a sociedade.

Segundo Campos (1996) citado por Favero e Eidelwein (2004), através do grupo a Psicologia pode utilizar métodos e processos de conscientização que possibilitam as pessoas assumirem seu papel de sujeitos de sua própria história, conscientes dos determinantes sócio-políticos e ativos na busca de soluções para seus problemas.

Freitas (1998) citada por Silva e Corgozinho (2011) mostra que a terminologia "psicologia na comunidade" evoluiu para "psicologia da comunidade" e posteriormente para "psicologia (social) comunitária", pois no seu início o país vivia em um momento de crise, com modelos importados e alheios à realidade brasileira. A primeira terminologia vem buscar práticas mais voltadas para a população e melhoria de vida, posteriormente a "psicologia da comunidade" passa a referir-se a questões mais voltadas para a saúde da população e, atualmente, a terminologia usada é "psicologia social comunitária", que compreende o homem como um ser constituído sócio-historicamente e ao mesmo tempo em contínua construção de concepções a respeito de si mesmo, dos outros e do contexto social em que vive.

Segundo Ramos e Carvalho (2008) a investigação cuidadosa do cotidiano de uma comunidade e de seus determinantes históricos, materiais e psicossociais não pode ser compreendida no âmbito superficial da mera descrição. Não se trata de esclarecer a aparência da comunidade, mas de buscar na intrincada relação entre os fatores objetivos e subjetivos que orientam as ações do dia a dia de seus moradores/frequentadores, a própria identidade do grupo. E essa identidade que emerge, tornando-se aparência depois de alcançada, é justamente aquilo que deve orientar as intervenções e pesquisas em uma comunidade.

Após as considerações e conceituações sobre Psicologia Social Comunitária faz-se necessário discorrer sobre a atuação do psicólogo comunitário em políticas públicas e em Economia Solidária. O objetivo do empreendimento solidário é a obtenção da quantidade e da qualidade do produto ou serviço que venha a atender a demanda social, e não apenas maximizar o lucro. O excedente terá sua destinação decidida pelos trabalhadores em assembleia, pois a propriedade e concepção

coletivas dos meios e modos de gestão do trabalho deverá ser característica do empreendimento solidário, seja ele cooperativo, associativo ou comunitário. Tais critérios, obviamente, não são encontrados de forma absoluta nos empreendimentos, existindo diversos graus de apropriação dos mesmos, bem como de práticas efetivamente autogestionárias (Veroneze e Guareschi, 2005).

As desigualdades constituem um dos problemas mais relevantes do Brasil e das sociedades latino-americanas que buscam avançar na consolidação de regimes democráticos, a partir de estruturas sociais profundamente injustas. Nesse contexto, desigualdades e pobreza em geral são fenômenos associados, de modo que a redução efetiva dos níveis de pobreza requer políticas e programas de combate às desigualdades. Enfrentar esse binômio representa um dos principais desafios da atualidade e a economia solidária pode colaborar nesse sentido (Gaiger, 2009).

A economia solidária decorre de um conjunto de circunstâncias que pressionaram pela busca de saídas para a difícil situação atual da classe trabalhadora. Acreditamos que as experiências neste campo resultam de um processo contínuo de trabalhadores em luta contra as desigualdades provocadas pelo capitalismo (Coutinho, Beiras, Picinin e Luckmann, 2005).

Segundo o site do Ministério do Trabalho e Emprego ([www.mte.gov.br](http://www.mte.gov.br)) Economia Solidária é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem.

A economia solidária vem se apresentando, nos últimos anos, como inovadora alternativa de geração de trabalho e renda e uma resposta a favor da inclusão social. Compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário. (Ministério do Trabalho e Emprego)

A psicologia pode ter um laboratório importante de análise da transição paradigmática em curso. É importante, então, a pesquisa em psicologia nesses novos meios de produzir, apropriar-se e dividir o produto final do trabalho, visando contribuir nos processos em que racionalidades diversas das tradicionais ou hegemônicas irão expressar-se e desenvolver-se. Otrabalho em grupos, oficinas, vivências, seminários, encontros, reuniões para discussão, viabilizam a troca complementar entre os agentes inseridos no trabalho, abordando temas como: consumo ético, produção associativa, organização do trabalho, comércio justo, diálogos interculturais etc. Divulgar e popularizar esses temas, pode ser prática cotidiana incorporada ao saber psicológico (Veroneze e Guareschi, 2005).

Utilizando teoria e métodos da psicologia em trabalhos feitos em comunidades de baixa renda, como em experiências em bairros populares, favelas, associações de bairro, comunidades eclesiais de base e movimentos populares, esta prática visa a melhoria das condições de vida da população trabalhadora, partindo de um levantamento das necessidades e carências vividas por cada grupo. Atuando no processo grupal, pode-se, também, auxiliar o grupo a tornar-se um local de diálogo, solidariedade e cooperativismo, onde os sujeitos se envolvam na luta coletiva contra a opressão, injustiça e desigualdade, antes enfrentadas individualmente. Se, por um lado, o desenvolvimento de um projeto comum transforma esses indivíduos em grupo, por outro, é somente sua estruturação como grupo que possibilita a construção de alternativas solidárias de luta (Coutinho, Beiras, Picinin e Luckmann, 2005).

Para Horochovski e Meirelles (2007) citados por Kanan (2011) sendo o papel social da Psicologia a aproximação e minimização das diferenças, esta ciência tem responsabilidade assumida perante a sociedade na promoção de espaços e criação de novas institucionalidades. Deste modo, empoderar a sociedade representa uma maior participação em debates, negociações, deliberações e acesso a informações relativas às políticas públicas que de algum modo alcancem as pessoas, permitindo-lhes a participação, ainda que de forma indireta, por meio do alargamento dos fóruns representativos

Promover a efetiva autonomia, o enriquecimento de aspectos essenciais à vivência e convivência entre as pessoas, promover a harmonia entre indivíduos e

ambiente com vistas à qualidade de vida, ao bem-estar e à criticidade da realidade social são alguns dos aspectos norteadores do fazer dos psicólogos na interface com a Psicologia Comunitária e com a Economia Solidária, com a emancipação e autonomia dos sujeitos, com o compromisso ético do consumo solidário e com a sustentabilidade ambiental (Kanan, 2011).

A psicologia tem, no que se refere ao trabalho, grandes possibilidades de atuação, sendo de significativa importância na medida em que possibilita resgatar, escutar as experiências dos trabalhadores, seus sofrimentos, seu dia-a-dia dentro deste contexto excludente do mundo globalizado. Assessorando-os na construção de uma consciência crítica, propondo novas formas de experienciar o trabalho, reconstruindo vínculos e reivindicando direitos. Neste sentido, a psicologia social, voltada para o trabalho, busca compreender a realidade social destes trabalhadores, identificando suas diferenças e igualdades, suas histórias, regras, reestruturações e lutas. Desta forma, busca-se criar um novo campo de atuação para psicólogos, voltado para coletivos solidários de trabalhadores (Coutinho, Beiras, Picinin e Luckmann, 2005).

## **CONCLUSÃO**

Conclui-se que a Psicologia Social Comunitária é de extrema importância para o desenvolvimento da população, uma vez que é um instrumento de orientação, luta e garantias de direitos. O psicólogo atuante em comunidades e consequentemente inserido nesse contexto deve ter bem clara suas funções e não se limitar ao modelo clínico de atuação, visto que ele trabalhará com grupos e precisará conhecer profundamente a cultura daquela comunidade, sendo necessário que ele saia de sua zona de conforto e vá a campo trabalhar.

A Psicologia Social Comunitária é uma forte aliada da economia solidária, e se bem trabalhada pode ser um instrumento de transformação social interessante e que faça a diferença naquele determinado contexto, pois prioriza o coletivo e não somente o individual. A Economia Solidária buscará esta forma coletiva de trabalhar,

ou seja, cada um contribuindo com o que sabe, com os recursos que possui para que a situação financeira, social e emocional dos grupos participantes se fortaleça e melhore.

Obviamente para todas estas questões existem políticas públicas de Assistência Social que norteiam a atuação dos diversos profissionais atuantes nessas áreas, como psicólogos, assistentes sociais, médicos, terapeutas ocupacionais, etc. Vale ressaltar que estas políticas devem ser sempre observadas e se possível reformuladas a medida que o tempo e o mundo se transformem para que melhor atenda a população.

## REFERÊNCIAS

COUTINHO, Maria Chalfin; BEIRAS, Adriano; PICININ, Dhiancarlos; LUCKMANN, Gabriel Luiz . Novos caminhos, cooperação e solidariedade: a Psicologia em empreendimentos solidários. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, abr. 2005.

FAVERO, Eveline; EIDELWEIN, Karen. Psicologia e cooperativismo solidário: possíveis (des)encontros. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, dez. 2004.

GAIGER, Luiz Inácio Germany. A associação econômica dos pobres como via de combate às desigualdades. **Cad. CRH**, Salvador, v. 22, n. 57, 2009.

KANAN, Lilia Aparecida. Consumo sustentável & economia solidária: alguns conceitos e contribuições da Psicologia. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, dez. 2011.

Ministério do Trabalho e Emprego. Portal do Trabalho e Emprego. Economia Solidária. Disponível em: [http://www2.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria\\_oque.asp](http://www2.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp). Acesso em: 15/11/2012.

RAMOS, Conrado; CARVALHO, João Eduardo Coin de. Espaço e subjetividade: formação e intervenção em psicologia comunitária. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, ago. 2008.

SCARPARO, Helena Beatriz Kochenborger; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Psicologia social comunitária profissional. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe2, 2007.

SILVA, Janaína Vilares da; CORGOZINHO, Juliana Pinto. Atuação do psicólogo, SUAS/CRAS e Psicologia Social Comunitária: possíveis articulações. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 23, n. spe, 2011.

VERONESE, Marília Veríssimo; GUARESCHI, Pedrinho. Possibilidades solidárias e emancipatórias do trabalho: campo fértil para a prática da psicologia social crítica. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, ago. 2005.